

## **A apropriação da cultura negra realizada por Iggy Azalea sob o olhar das revistas negras americanas: uma análise discursiva<sup>1</sup>**

Mário Augusto Oliveira Monteiro Rolim<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

O sucesso comercial estrondoso alcançado pela rapper australiana Iggy Azalea em 2014 tem sido marcado por uma repercussão conflituosa, com a australiana sendo elogiada por figuras importantes do rap americano mas também bastante criticada, principalmente por causa de sua apropriação de elementos da cultura negra e sua utilização de um sotaque associado a negros (principalmente rappers) do sul dos EUA para cantar. Este artigo se propõe a analisar essa repercussão através do método arqueológico de análise do discurso delineado por Foucault (2015), focando especificamente nas revistas negras americanas *Ebony* e *The Root*, e observando suas matérias sobre Iggy Azalea para investigar como questões como apropriação cultural, racismo e o status do rap como música negra aparecem em seus discursos, e como elas se posicionam em relação à entrada da australiana no campo do rap americano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iggy Azalea; rap; apropriação cultural; música pop; revistas negras.

### **Introdução**

Para quem acompanhava a música pop americana em 2014, foi difícil não esbarrar no nome da rapper australiana Iggy Azalea, ou fazer uma busca na internet para descobrir quem ela era (ela foi a artista mais buscada no Google naquele ano<sup>3</sup>). A principal razão para isso foi o estrondoso sucesso comercial atingido pela rapper, que nasceu Amethyst Amelia Kelly, em 1990, na pequena cidade de Mullumbimby, no sudoeste da Austrália, e se mudou para os Estados Unidos aos 17 anos no intuito de se tornar uma rapper profissional. Se até 2013 o mais próximo que ela tinha chegado desse sucesso comercial foi com o single “Work”, que atingiu a 54<sup>a</sup> posição da parada pop da *Billboard*<sup>4</sup>, no ano seguinte ela conseguiu não só emplacar seu primeiro álbum (“The New Classic”) na terceira posição entre os mais vendidos dos EUA<sup>5</sup>, mas também três

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE), e-mail: [marioaugusto1993@hotmail.com](mailto:marioaugusto1993@hotmail.com).

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://www.billboard.com/articles/business/6406523/google-year-search-lists-trending-artists-iggy-azalea-lorde-solange>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://www.billboard.com/artist/5694588/iggy-azalea/chart>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

<sup>5</sup>Disponível em: <<http://www.billboard.com/artist/5694588/Iggy%20Azalea/chart?f=305>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

*singles* nas três primeiras posições da parada pop da *Billboard*: “Fancy<sup>6</sup>”, canção de Azalea com participação da britânica Charlie CXC; “Problem<sup>7</sup>”, da americana Ariana Grande, com participação de Azalea; e “Black Widow<sup>8</sup>”, de Azalea, com participação da cantora kosovar Rita Ora, respectivamente. Isso fez de Azalea a primeira rapper a ter dois *singles* nas duas primeiras posições da *Billboard* simultaneamente<sup>9</sup>, e de “Fancy” o single de uma rapper a passar mais semanas no topo da *Billboard*, com sete<sup>10</sup>.

Entre as palavras relacionadas a eventos mais buscadas no mesmo ano, uma me chama particularmente a atenção: “Ferguson”, referente à cidade americana onde, em agosto de 2014, o jovem negro Michael Brown, de 18 anos, foi morto a tiros por um policial branco após roubar cigarros em uma loja de conveniência. Esse assassinato (e vários outros – foram aproximadamente 100 negros desarmados mortos por policiais em 2014<sup>11</sup>) e a absolvição do policial responsável geraram uma série de manifestações contra a discriminação racial da polícia americana, organizadas principalmente pelo movimento Black Lives Matter, que desde 2013 luta contra a violência sofrida pelos negros americanos. Toda essa mobilização acabou aumentando também a discussão sobre questões raciais na mídia, com outras manifestações da supremacia branca sendo debatidas, como a apropriação cultural (mais especificamente o uso de elementos da cultura negra americana por parte de artistas brancos). Este debate frequentemente envolveu o nome de Iggy Azalea, principalmente pelo fato dela cantar usando um sotaque associado aos negros (especialmente rappers) de algumas regiões do sul dos EUA, enquanto usa fora dos palcos um sotaque australiano com algumas inflexões do inglês norte-americano. Para Jamilah Lemieux, editora-sênior da revista negra americana *Ebony*, essa apropriação tornava Azalea “mais uma beneficiária dessa gentrificação cultural que está dolorosamente marcada para coincidir com a gentrificação física das comunidades negras e com 'tensões raciais exacerbadas<sup>12</sup>”.

De fato, revistas negras americanas como *Ebony* e *The Root* têm sido uma das principais plataformas midiáticas no que se refere à discussão sobre apropriação

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.billboard.com/articles/columns/chart-beat/6236653/iggy-azaleas-fancy-is-billboards-songof-the-summer>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.billboard.com/artist/1484343/Ariana+Grande/chart?f=379>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.billboard.com/artist/5694588/Iggy%20Azalea/chart?f=379>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.billboard.com/articles/events/bbma-2014/6084776/ariana-grande-iggy-azalea-performersbillboard-music-awards>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.billboard.com/articles/news/6150450/hot-100-iggy-azalea-fancy-maroon-5-maps>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://mappingpoliceviolence.org/unarmed2014/>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>12</sup> LEMIEUX, Jamilah. Oh, Mediocre: Iggy is terrible, period. **Ebony**. Terça-feira, 23 dez. 2014. Disponível em <<http://www.ebony.com/entertainment-culture/oh-mediocre-iggy-is-terrible-period-504#.VJm8TnAB0>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

cultural, direcionando muitas de suas críticas relacionadas ao assunto a rappers brancos (como Azalea), provavelmente por um receio de que o rap deixe de ser associado primariamente aos negros americanos, como aconteceu com outros gêneros musicais originados em comunidades negras dos EUA como blues, jazz, rock e soul. Assim, por acreditar que é importante analisar de que forma questões raciais são tratadas na mídia (especialmente nos debates em torno da música pop), me proponho neste artigo a verificar que discursos circulam nas revistas negras americanas *The Root* e *Ebony* dentro de suas matérias sobre Iggy Azalea, focando nos posicionamentos dessas revistas sobre temas como a apropriação da cultura negra americana e a descontextualização e assimilação do rap pela cultura *mainstream* branca, e investigando como esses posicionamentos se constroem ou se manifestam discursivamente através de uma análise dos enunciados mais recorrentes dentro desses textos.

### **O rap como música negra**

Antes de falar das revistas, creio que é necessário delimitar o porquê de Iggy Azalea ser considerada uma apropriadora cultural, e a ligação do rap com a comunidade negra americana. Afinal de contas, quando falo do rap como música negra não me refiro a uma essência natural ao gênero, e sim a “amplos e interligados padrões de performance musical, distribuição e consumo que historicamente têm sido associados a negros americanos” (RODMAN, 2006). Também não pretendo atribuir uma essência à negritude, entendendo o conceito de raça como “uma construção política e social”, uma “categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo” (HALL, 2003, p. 66).

Essa forte associação entre o rap e os negros americanos se dá principalmente pelas origens do gênero, que “começou em meados da década de 1970 no [bairro de] South Bronx na cidade de Nova Iorque como parte do hip hop, uma cultura juvenil africano-americana e africano-caribenha composta de grafite, *breakdancing* e rap”, e desde então tem priorizado “vozes negras das margens da [parte] urbana [dos EUA]” (ROSE, 1994, p. 2). Essa prioridade se revela dentro dos próprios critérios de autenticidade dominantes no rap. Em seu estudo sobre a construção discursiva dessa autenticidade, McLeod (1999) concluiu que ser autêntico dentro do hip hop significa “se manter fiel a si mesmo (ao se identificar como duro [ao seguir padrões de masculinidade heteronormativos] e negro), representar o *underground* e 'as ruas'<sup>13</sup>, e se lembrar do

<sup>13</sup> Em uma referência a espaços comumente associados ao rap americano como bairros negros e redutos urbanos.

legado cultural do hip hop”. Enquanto isso, ser inautêntico significa “ser suave [ao não seguir padrões de masculinidade heteronormativos], seguir tendências de massa ao ouvir rap comercial, e se identificar com a cultura *mainstream* branca [...] geograficamente localizada nos [ricos] subúrbios [americanos]” (McLEOD, 1999).

No entanto, mesmo tendo seus padrões de autenticidade bastante ligados à experiência dos jovens negros dos EUA, não se pode negar que o rap, por ser um dos mais populares gêneros da música americana (e sendo os EUA o país que mais promove a circulação transnacional de seus produtos culturais), acaba entrando nesse processo de globalização, o que possibilita o aparecimento em vários países de ouvintes e até produtores de rap, que se apropriam do gênero e o misturam com sonoridades e temas mais locais ou específicos. Uso o termo “se apropriam” de acordo com a definição de Young (2010, p. 5) de apropriação cultural, tida como algo que ocorre quando “membros de uma cultura [...] tomam para si, ou para seu próprio uso, itens produzidos por um membro ou por membros de outra cultura” - no caso, seria mais especificamente uma “apropriação de estilo”, onde “artistas produzem trabalhos com elementos estilísticos em comum com os trabalhos de outra cultura” (YOUNG, 2010, p. 6).

Entretanto, é preciso reconhecer que nem toda apropriação cultural é necessariamente ofensiva. No caso de Iggy Azalea, o principal fator que agrava o “potencial para ofender” de sua performance é o uso que a australiana faz de um sotaque associado aos negros de certas regiões do sul dos EUA, o que, na opinião de Eberhardt e Freeman (2015), remete aos shows de menestréis, forma de entretenimento teatral bastante popular nos EUA durante o século XIX em que artistas (brancos e negros, mas principalmente brancos) costumavam pintar seus rostos de preto (a chamada *blackface*) e interpretar personagens negros de forma burlesca e caricatural, carregada de estereótipos negativos e racistas (LOTT, 2013). Assim, para Eberhardt e Freeman (2015, p. 309), Azalea atua linguisticamente como uma menestrel branca, ou seja, em uma “*blackface* figurada”, onde usuários brancos de Inglês Afro-Americano (IAA) [um sotaque de inglês associado aos negros dos EUA] não “escurecem sua pele com maquiagem [...], mas em essência performam com *blackface*, se baseando em elementos linguísticos e simbólicos que significam ideologias racializadas”. É evidente que não existe um consenso tão grande sobre o caráter ofensivo dessas “*blackfaces* figuradas” quanto existe sobre as *blackfaces* literais dos menestréis, mas nem por isso elas deixam de ter potencial para causar desconforto (principalmente entre os negros

americanos). Além disso, Iggy Azalea tem sérias dificuldades para se encaixar nos padrões de autenticidade do hip hop por buscar uma sonoridade mais *mainstream* e por ser branca, australiana, e mulher. Todos esses fatores dificultam a aceitação de Azalea por parte das revistas negras americanas. Abordarei elas com mais detalhes em seguida.

### **As revistas negras como comunidade discursiva**

Da mesma forma que não pretendo atribuir uma essência ao rap, também não pretendo atribuir uma essência às revistas analisadas quando as classifico como revistas negras. Ao rotulá-las dessa forma, me refiro ao fato delas serem voltadas principalmente ao público negro dos EUA, geralmente sendo também presididas ou fundadas por negros e com publicações escritas majoritariamente por jornalistas negros (não posso afirmar se eles representam a totalidade das equipes dessas revistas ou não). Dito isso, as revistas nas quais decidi focar a análise, *Ebony* e *The Root*, podem ser incluídas dentro do que se convencionou chamar de imprensa negra americana, designação que inclui desde os primeiros jornais voltados para o público negro que defendiam a abolição da escravatura nos EUA no século XIX até revistas eletrônicas do século XXI, com esses veículos tendo como “função tradicional [...] cobrir assuntos [relacionados aos negros americanos] que a imprensa *mainstream* se recusava a discutir” (VOGEL, 2001, p. 12). No entanto, essa oposição em relação à mídia *mainstream* branca não impede as revistas negras de reproduzir valores supremacistas brancos. A edição de maio de 1965 da *Ebony*, por exemplo, que focava em sua matéria de capa na marcha dos direitos civis de Selma a Montgomery liderada por Martin Luther King Jr., trazia também uma propaganda de Nadinola, um creme de “descolorações para pele desbotada”, ou seja, para clarear a pele (BROWN, 2014).

Reproduzindo valores supremacistas brancos ou não, creio ser possível afirmar que essas revistas se inserem em um determinado discurso (no caso, o discurso da imprensa negra), entendendo discurso como um “conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”, sendo constituído por “um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2015, p. 143). Quando se refere ao termo enunciado, Foucault (2015) afirma tratar-se de uma função exercida verticalmente em relação a unidades como frases, proposições e atos de fala, dando a elas legitimidade e sentido e determinando seu valor dentro de certa conjuntura. Em outras palavras, seria

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2015, p. 105).

Exemplificarei alguns dos enunciados que circulam nessas revistas posteriormente, mas, por enquanto, é preciso esclarecer que, ao falar de formação discursiva, Foucault se refere a algo que aparece “no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade” (FOUCAULT, 2015, p. 47). Assim, dizer que essas revistas estão dentro de uma mesma formação discursiva significa que elas possuem uma série de valores e posicionamentos em comum que possibilitam a aparição de determinadas enunciações, e que podem ser vistas como estando dentro de uma mesma comunidade discursiva, entendendo-a como “o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos [...] os textos que dependem da formação discursiva” (MAINGUENEAU, 1997, p. 56). Maingueneau (1997, p. 56) afirma que o termo visa “grupos que existem unicamente por e na enunciação” e não grupos que tenham “razão de ser em outro lugar”, mas acredito que essas revistas formam uma comunidade discursiva não só “interna”, por assim dizer, entre os jornalistas que fazem partes delas, mas tentam formar também uma espécie de comunidade discursiva imaginada com seu público-alvo (os negros americanos) tendo a raça como fator determinante, de modo que seu discurso se correlaciona com discursos como o antirracista e, no caso dos textos relacionados a Iggy Azalea, o discurso do hip hop/rap. O fato da raça ser um fator determinante nessa comunidade discursiva e nas correlações de seu discurso faz com que não só a negritude seja discutida, mas também delimita as enunciações a surgir dentro dessa formação discursiva, possibilitando (ou favorecendo) o aparecimento de enunciados antirracistas ou em defesa dos negros americanos.

Um exemplo da correlação entre o discurso das revistas negras, o discurso antirracista e o discurso do hip hop é o fato de que, desde 2014, a *Ebony* só teve em suas capas quatro rappers (todos negros americanos): Kendrick Lamar, Pharrell, Common e Black Thought (junto com o baterista Questlove, sendo os dois parte do grupo de rap The Roots), todos conhecidos por se posicionarem contra o racismo da sociedade americana em entrevistas ou canções, a não ser por Pharrell (no entanto, sua entrevista

foi, em sua maioria, sobre o racismo nos EUA e como combatê-lo<sup>14</sup>). Assim, acredito que a correlação desses discursos gera uma série de enunciados que vêm à tona nas matérias dessas revistas sobre Iggy Azalea. Analisarei alguns deles a seguir.

### Partindo para as revistas

Observando as matérias das revistas negras analisadas que mencionam Iggy Azalea, é possível perceber a aparição de vários enunciados correlacionados a enunciados de outros discursos, principalmente o antirracista e o do hip hop, como foi mencionado. Entre esses enunciados, alguns me parecem ser mais recorrentes, principalmente os relacionados à apropriação da cultura negra americana por artistas brancos. O mais recorrente deles se assemelha muito a uma afirmação de Tricia Rose (1994, pp. 5-6) que diz que “há abundante evidência de que artistas brancos imitando estilos negros [de música] têm maior oportunidade econômica e acesso a públicos maiores do que [artistas] inovadores negros”, podendo ser reformulado como “artistas brancos que imitam ou se apropriam de estilos de música negra fazem mais sucesso que artistas negros por serem brancos, mesmo com menos talento”, e correlacionado com enunciados do discurso antirracista sobre o privilégio da branquitude. Considerando que um dos requerimentos do aparecimento do enunciado é a existência de um sujeito, no sentido de “uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2015, p. 141), ou alguém que pode efetivamente se reconhecer nesse dito, certamente há uma série de “alguéns” dentro das revistas analisadas que se reconhecem nesse enunciado. A *Ebony*, inclusive, tem um artigo de Juan Thompson (2015) que praticamente reproduz esse enunciado em seu título (“*Fade Para O Branco: Música Negra, Artistas Brancos = Grande Dinheiro*”<sup>15</sup>), e na afirmação de que “alguns artistas brancos lucram com sua apropriação (errada) da cultura negra”.

Outro exemplo de aparecimento desse enunciado na *Ebony* é o próprio artigo de Lemieux (2014) mencionado anteriormente, onde a autora faz uma comparação entre Azalea e a rapper negra americana Azealia Banks, dizendo que “é totalmente insensato contrapor essas duas mulheres que têm quase a mesma idade e começaram a fazer impacto ao mesmo tempo e dizer que Iggy é mais talentosa e mais merecedora dessa

<sup>14</sup> HUNT, Kenya. Pharrell Williams Talks Race, Black Women and Social Justice [COVER STORY]. *Ebony*. Quinta-feira, 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.ebony.com/entertainment-culture/pharrell-williams-talks-race-black-women-and-social-justice-cover-story#axzz4GZdvFKqr>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

<sup>15</sup> THOMPSON, Juan. Fade To White: Black Music, White Artists=Big Money. *Ebony*. Quarta-feira, 26 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.ebony.com/entertainment-culture/fade-to-white-black-music-white-artistsbig-money-504#axzz4Gy3SM8AN>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

escalada ao topo impulsionada pela Clear Channel e co-assinada por T.I.” - em referência um programa da empresa de comunicação americana que ajudou a alavancar o sucesso de “Fancy”<sup>16</sup>, e ao rapper negro americano cuja gravadora (Grand Hustle Records) assinou um contrato com Azalea, e que trabalhou como produtor-executivo nos principais trabalhos da australiana. Lemieux (2014) ainda fez menção a outros artistas brancos de sucesso que se apropriam de gêneros de música negra, dizendo: “Adele, Ariana Grande e Sam Smith são os sons do soul, Macklemore e Iggy vão ser gêmeos do Grammy. É muito para aguentar de uma só vez, e aquela irritante voz falsa-sulista é a última coisa que precisamos ouvir de novo e de novo”. A autora já tinha se pronunciado sobre o tema dois anos antes, em um artigo sobre a misoginia de T.I. ao tentar defender Azalea de acusações feitas a ela por Azealia Banks. Lemieux (2012) afirmou que “por todas as críticas (justas e injustas) que têm sido feitas a Iggy, nós não saberíamos quem ela [Iggy] é se ela não fosse uma garota branca bonita fazendo rap sobre coisas sujas (sic) e brincando desconfortavelmente com raça em nome de sua ‘arte’”. No mesmo artigo, Lemieux (2012) disse ainda que Azalea “está ganhando muito amor porque é branca”, e que “mulheres de todas as raças tiveram um caminho difícil no hip hop e a presença de brancas está tornando ele aparentemente mais difícil para algumas das irmãs”. Outro escritor da *Ebony* a mencionar Azalea como privilegiada por ser branca foi Michael Arceneaux (2013<sup>17</sup>), que, em uma carta direcionada à australiana, disse: “você é jovem, está tentando se achar e achar sua voz e entendo isso, mas o que você [...] tem que entender é que você desfruta do privilégio branco. Você não precisa acordar todo dia se sentindo culpada por isso, mas [sim] reconhecer isso”.

O enunciado anteriormente descrito também se mostra em textos da revista eletrônica *The Root*, como no de Travis L. Gosa (2014) intitulado “A Conspiração para Branquear o Hip Hop<sup>18</sup>”, onde Gosa (2014) não demonstrou certeza se o branqueamento mencionado no título estaria de fato acontecendo, dizendo que “saberemos em 20 anos se [...] [os] defensores do hip hop estão corretos sobre o branqueamento do hip hop e se Iggy é mesmo uma forasteira [usada por executivos brancos] com a intenção de explorar a cultura”, mas nem por isso deixou de comparar Azalea a outros artistas brancos que

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/arts-and-entertainment/wp/2014/07/15/clear-channels-on-the-verge-program-helped-make-iggy-azalea-a-star-heres-how-it-works/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

<sup>17</sup> ARCENEAUX, Michael. “[THE WEEKLY READ] Dear Iggy Azalea”. *Ebony*. Quarta-feira, 23 set. 2013. Disponível em: <<http://www.ebony.com/entertainment-culture/the-weekly-read-dear-iggy-azalea-304#axzz3kaj0mQQr>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

<sup>18</sup> Disponível em: <[http://www.theroot.com/articles/culture/2014/06/whites\\_in\\_hip\\_hop\\_why\\_music\\_by\\_iggy\\_azalea\\_and\\_others\\_is\\_so\\_popular\\_and/](http://www.theroot.com/articles/culture/2014/06/whites_in_hip_hop_why_music_by_iggy_azalea_and_others_is_so_popular_and/)>. Acesso em: 3 ago. 2016.



conseguiram sucesso se apropriando da música negra como Elvis Presley e Eminem, ou de dizer que ela “não é uma grande rapper”. Questionamento semelhante foi feito por Yesha Callahan (2014<sup>19</sup>) em um artigo também escrito para a *The Root* repercutindo uma matéria da revista americana de economia *Forbes* sobre Iggy Azalea, inicialmente intitulada “Hip Hop É Dominado Por Uma Mulher Australiana Branca e Loira<sup>2021</sup>”. Por causa dessa matéria, Callahan (2014) disse que a *Forbes* “nunca mais deveria escrever sobre hip hop”, e que “parte da publicidade envolvendo ela tinha pouco a ver com sua cadência, mas com o fato dela ser uma mulher branca da Austrália”.

Depois de apresentados estes trechos, a menção feita ao “talento” no primeiro enunciado me parece se justificar na medida em que muitas das críticas citadas falam de uma suposta falta de talento da parte de Azalea, principalmente em comparação com rappers negras americanas, com praticamente todas elas tendo obtido menos sucesso comercial que a australiana. Assim, o caráter ofensivo da apropriação mostra uma dimensão econômica, já que é reforçado pela ideia de que Azalea é (supostamente) menos talentosa que rappers negras, mas tem mais oportunidade econômica que elas por ser branca. A partir disso, posso delimitar um segundo enunciado, correlacionado com o primeiro, que poderia ser colocado como “rappers negros americanos têm mais talento que rappers brancos”, ou “rappers brancos não têm talento para o rap”.

Um exemplo de aparecimento desse segundo enunciado é o texto já mencionado de Juan Thompson (2015), onde ele escreve que “pode-se dizer que o sucesso de Azalea é largamente devido à sua raça. O fato de suas habilidades serem consideradas, no máximo, regulares dentro de círculos de hip hop faz seu nível de apoio de dentro [desses círculos] parecer um tanto confuso”, em referência principalmente ao rapper T.I.. Este segundo enunciado também pode ser identificado em textos da *The Root*, como o de Demetria Lucas D’Oyley (2014<sup>22</sup>) intitulado “Por Quê Precisamos de Mais Rappers Negras”, onde a autora reclamou do fato de a única rapper que realmente parecia disputar espaço com a rapper negra trinidadiana Nicki Minaj ser Iggy Azalea, que ela

<sup>19</sup> CALLAHAN, Yesha. Forbes Crowns Iggy Azalea the Next Big Thing in Hip-Hop and Should Never Write About Hip-Hop Again. *The Root*, terça-feira, 20 mai. 2014. Disponível em: <<http://thegrapevine.theroot.com/forbes-crowns-iggy-azalea-the-next-big-thing-in-hip-hop-1790885440>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>20</sup> McINTYRE, Hugh. Hip-Hop's Unlikely New Star: A White, Blonde, Australian Woman. *Forbes*. Segunda-feira, 19 mai. 2015. Disponível em <<http://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2014/05/19/hip-hop-is-run-by-a-white-blonde-australian-blonde-woman/>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

<sup>21</sup> Depois de muita polêmica, o título original foi alterado para “A Surpreendente Nova Estrela Do Hip Hop: uma mulher branca, loira e australiana”.

<sup>22</sup> D’OYLEY, Demetria Lucas. Why We Need More Female Black Rappers. *The Root*. Quarta-feira, 2 jul. 2014. Disponível em: <[http://www.theroot.com/articles/culture/2014/07/why\\_hip\\_hop\\_needs\\_more\\_black\\_female\\_rappers/](http://www.theroot.com/articles/culture/2014/07/why_hip_hop_needs_more_black_female_rappers/)>. Acesso em: 4 ago. 2016.

classificou como uma “boa pessoa”, mas que “parece mais uma jogada de marketing que uma MC com alguma coisa a dizer”. Em outras duas publicações da revista assinadas por Yesha Callahan, Azalea é chamada de “rapper abaixo de abaixo da média” (CALLAHAN, 2016<sup>23</sup>), ou colocada em uma lista de “Coisas Que Pessoas Brancas Podem Fazer Que Pessoas Negras Provavelmente Não Passariam Impunes Se Fizessem” na categoria “Ganhar Prêmios Por Ser Mediocre” (CALLAHAN, 2015<sup>24</sup>). Mesmo um dos poucos textos da revista que defenderam Azalea, minimizando a apropriação cultural realizada por ela ao dizer que rappers brancos têm usado o som de rappers negros desde sempre e que isso “é só outro aspecto de um [...] gênero cuja *raison d’être* é se destacar”, afirmou que “é fácil atingir ela quando seu pecado mais grave é o lixo que ela coloca nos discos e chama de música” (SEIBERT, 2015<sup>25</sup>). Em alguns textos, é possível até notar a aparição de ambos os enunciados, como no já mencionado artigo de Lemieux (2014), onde a autora chamou Iggy de problemática por ser “terrível em fazer rap”, e por achar que “Azealia Banks (ou Rapsody, olá) devia ser a pessoa a bater recordes [...] da *Billboard*”. Para Lemieux (2014), a crítica a Azalea “não é sobre manter artistas brancos fora da música negra; é sobre perceber como uma [artista] medíocre pode dominar injustamente”.

Apesar de Lemieux (2014) ter negado que sua crítica seja uma tentativa de deixar os brancos de fora da música negra, esta declaração me sugere a recorrência de um terceiro enunciado, que eu poderia descrever como “a cultura do hip hop pertence aos negros americanos”. Já argumentei sobre o rap ser majoritariamente associado aos negros americanos e o porquê disso, mas acredito que este terceiro enunciado parte de uma perspectiva mais essencialista, não só se correlacionando com os outros dois mas surgindo também como uma resposta a eles, ou, no caso, à apropriação da cultura negra por artistas brancos. Este enunciado emerge, por exemplo, quando John Kennedy (2014), da revista *Ebony*, questiona: “claro que ela rima sobre batidas e usa seu melhor

<sup>23</sup> CALLAHAN, Yesha. Iggy Azalea Wants The World To Know Calling A White Woman ‘Becky’ Is Racist. **The Root**. Quarta-feira, 27 abr. 2016. Disponível em: <[http://www.theroot.com/blog/the-grapevine/iggy\\_azalea\\_wants\\_the\\_world\\_to\\_know\\_calling\\_a\\_white\\_woman\\_becky\\_is\\_racist/2/](http://www.theroot.com/blog/the-grapevine/iggy_azalea_wants_the_world_to_know_calling_a_white_woman_becky_is_racist/2/)>. Acesso em: 5 ago. 2016.

<sup>24</sup> CALLAHAN, Yesha. Here Are a Bunch of Things White People Can Do That Black People Probably Couldn’t Get Away With. **The Root**. Sexta-Feira, 4 set. 2016. Disponível em: <[http://www.theroot.com/blog/the-grapevine/here\\_are\\_a\\_bunch\\_of\\_things\\_white\\_people\\_can\\_do\\_that\\_black\\_people\\_probably/2/](http://www.theroot.com/blog/the-grapevine/here_are_a_bunch_of_things_white_people_can_do_that_black_people_probably/2/)>. Acesso em: 5 ago. 2016.

<sup>25</sup> SEIBERT, Dustin J.. Is It Cultural Appropriation? I’ll Be the Judge of That. **The Root**. Sexta-feira, 27 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.theroot.com/articles/culture/2016/05/is-it-cultural-appropriation-ill-be-the-judge-of-that/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

timbre de garota sulista, mas Iggy Azalea *realmente* é hip hop?”<sup>26</sup>. Ou em um texto já citado de Arceneaux (2013), também da *Ebony*, onde após falar sobre manifestações de racismo na música pop dos EUA (nas premiações do VMA e do Emmy e na perda do impacto das rádios de música negra), o autor escreve (em uma carta a Azalea): “é isso que faz a apropriação ainda mais frustrante pra tantos de nós [negros] que amamos essa cultura, somos dessa cultura, e permaneceremos defensores dessa cultura muito depois de seu tipo [pessoas ou artistas brancos] seguir em frente até a próxima moda”.

Apesar do fato de textos da *The Root* não terem sido citados entre as aparições do terceiro enunciado não significar que ele não surja em publicações da revista, creio que isso é sintomático do fato de que a *The Root* se mostrou mais simpática à figura de Iggy Azalea que a *Ebony*. Tanto é que, enquanto a *Ebony* não parece “defender” Azalea em nenhum momento, a *The Root* traz três textos que se posicionam favoravelmente em relação à australiana. Um deles é o escrito por Seibert (2016) mencionado anteriormente. O assinado por Danielle Belton (2014<sup>27</sup>) não é exatamente elogioso, colocando Azalea como “falsa” e beneficiária da supremacia branca, mas trivializa a apropriação como algo realizado também por artistas negras como Nicki Minaj, afirmando que “todo mundo na música pop rouba, é como você se mantém na frente. ‘Apropriação’ é só o nome para o roubo pop, agora em ‘cor’”. Já o artigo de Taryn Finley (2014<sup>28</sup>) é o que mais se diferencia dos outros, afirmando que a ideia de que o hip hop é “puramente uma experiência negra” é “pré-histórica” e “longe de ser verdade”. Ela deixou claro que “de forma alguma Iggy Azalea é a messias australiana do [...] rap (bela tentativa, *Forbes*), e seu ‘sotaque de rap’ é questionável em comparação com sua voz normal”, mas mesmo assim não deixou de argumentar que “estamos em 2014 e ela é bem-vinda a experimentar” (FINLEY, 2014). Além disso, ela argumentou que rappers negros têm explorado gêneros de música “branca” há décadas, e concluiu que a nova geração de fãs de hip hop está mais aberta à expansão global do gênero, e que “verdadeiros fãs [...] nunca se esquecem do início [do gênero], mas também veem o potencial que o hip hop tem de tocar o mundo como nunca antes” (FINLEY, 2014).

<sup>26</sup> KENEDDY, John. [BLACK POP DAILY] Tyler Perry Soon To Be A Dad. *Ebony*. Quinta-feira, 25 set. 2014. Disponível em: <<http://www.ebony.com/entertainment-culture/black-pop-daily-tyler-perry-soon-to-be-a-dad-232#axzz3kaoCZ7Ue>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>27</sup> BELTON, Danielle C.. Step Aside, Iggy Azalea, It’s Time for Nicki Minaj to Appropriate ... Herself. *The Root*. Quinta-feira, 21 ago. 2014. Disponível em: <[http://www.theroot.com/articles/culture/2014/08/\\_anaconda\\_new\\_nicki\\_minaj\\_appropriating\\_old\\_nicki\\_minaj/](http://www.theroot.com/articles/culture/2014/08/_anaconda_new_nicki_minaj_appropriating_old_nicki_minaj/)>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>28</sup> FINLEY, Taryn. Hip-Hop Is Changing Whether You Like It Or Not. *The Root*. Sábado, 9 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.theroot.com/hip-hop-is-changing-whether-you-like-it-or-not-1790876668>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

Apesar desses três exemplos, creio que é notório que as duas revistas analisadas demonstraram ter um posicionamento geralmente contrário à apropriação da cultura negra realizada por Azalea (assim como outras apropriações da cultura negra realizadas por artistas brancos) e à sua inserção no hip hop dos EUA. Esse posicionamento, que se mostra discursivamente principalmente através dos três enunciados apontados, dá margem para o aparecimento nesses discursos de um essencialismo que coloca a produção de rap como praticamente restrita a negros americanos e estabelece critérios de autenticidade bastante rígidos para o gênero. Acho que esse essencialismo, que surge como uma resposta à apropriação do hip hop e à sua assimilação (e posterior descontextualização) pela cultura *mainstream* branca (HOOKS, 1992), é em certa medida justo quando lembramos do histórico já mencionado de gêneros de música negra que foram desassociados desse grupo social. Contudo, ele pode também reforçar a própria segregação, mantendo brancos e negros em gêneros musicais separados, o que só reforça o cânone da música pop como um lugar majoritariamente ocupado por ou associado a artistas brancos e de difícil acesso para artistas negros. Ainda assim, creio que defender que a música pop seja vista de forma incolor, achando que simplesmente “abraçar a diversidade e celebrar as diferenças entre as raças” (FINLEY, 2014) apagar o racismo da sociedade, me parece, mesmo que de forma indireta, contribuir para negar aos negros um dos poucos espaços performáticos que ainda parecem “reservados” a eles. Acredito que a integração racial deve ser bem-vinda tanto na música pop quanto na sociedade como um todo, claro, mas não com um apagamento das tensões raciais ou da discussão sobre como a supremacia branca se manifesta nesses (e em outros) contextos.

Por fim, creio que as três últimas matérias citadas, principalmente a de Finley (2014), indicam uma transformação na formação discursiva dentro da qual as revistas negras se inserem (e no discurso de hip hop também), com o essencialismo ao mesmo tempo emergindo em resposta à assimilação do rap pela cultura *mainstream* branca e se dissipando conforme o gênero se globaliza. Isso poderia indicar uma gradual diminuição desse essencialismo ocorrendo paralelamente a uma desassociação do rap com os negros americanos, como ocorreu com outros gêneros musicais, mas acho que é cedo para prever isso com precisão, e leviano falar em mudanças definitivas, até porque essa transformação é lenta, irregular e incerta quanto à sua “forma final”, afinal,

dizer que uma formação discursiva substitui outra não é dizer que todo um mundo de objetos, enunciações, conceitos, escolhas teóricas absolutamente novas surge já armado e organizado em um texto que o situaria de uma vez por todas; mas sim que aconteceu uma transformação geral de relações que, no

entanto, não altera forçosamente todos os elementos; que os enunciados obedecem a novas regras de formação e não que todos os objetos ou conceitos, todas as enunciações ou todas as escolhas teóricas desaparecem (FOUCAULT, 2015, p. 210).

### Considerações Finais

Em primeiro lugar, gostaria de esclarecer que *Ebony* e *The Root* foram escolhidas por serem, entre as revistas negras americanas pesquisadas, as que mais publicaram textos sobre Iggy Azalea (a revista *Jet* também foi considerada, mas não trazia muitos textos e tinha o mesmo dono da *Ebony*, além de uma linha editorial semelhante). No entanto, o fato das duas se posicionarem de maneira majoritariamente negativa em relação à apropriação realizada pela rapper australiana não significa que todas as revistas negras dos EUA tenham o mesmo tipo de resposta. Na *Essence*, voltada para mulheres negras, por exemplo, Azalea aparece com mais ênfase em dois textos<sup>2930</sup> que criticam matérias veiculadas na mídia *mainstream* que elogiam características corporais ou de estilo associadas às mulheres negras quando elas se fazem presentes em mulheres brancas, enquanto as negras são ridicularizadas ou marginalizadas pelos mesmos atributos – como um da revista *Vogue* que afirmou em 2014 que estávamos “na era das bundas grandes<sup>31</sup>”, destacando celebridades de pele clara que se encaixavam na descrição como Iggy Azalea, Kim Kardashian e Jennifer Lopez. Em outro, a citada matéria da *Forbes* sobre Azalea aparece como exemplo de “manchete dramática<sup>32</sup>”, e num quarto texto a revista faz uma enquete perguntando ao público a sua opinião sobre a apropriação da cultura negra, adotando uma posição neutra<sup>33</sup>. Já na *Black Enterprise*, mais focada em negócios, uma matéria criticou Azealia Banks por sua briga com Iggy Azalea em 2012 (entre outras) e a colocou como exemplo a não ser seguido por jovens profissionais<sup>34</sup>. De resto, a revista só falou em apropriação

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.essence.com/2014/10/01/mirror-mirror-when-style-ghetto-black-women-chic-whites>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.essence.com/2014/09/22/write-or-die-chick-black-women-and-booty-ownership-backside>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.vogue.com/1342927/booty-in-pop-culture-jennifer-lopez-iggy-azalea/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://www.essence.com/2014/05/21/essence-poll-are-you-tired-dramatic-headlines>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.essence.com/2015/07/13/how-do-you-feel-about-cultural-appropriation-pop-culture>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www.blackenterprise.com/career/professional-celebrity-flubs-to-avoid/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

cultural em tom neutro<sup>35</sup>, ou tentando alertar profissionais sobre “gafes culturais<sup>36</sup>” que podem atrapalhar suas carreiras. Assim, como creio ser importante não essencializar o rap como um gênero musical que “só pode” ser produzido por artistas negros, também é importante ressaltar que nem todas as revistas negras americanas respondem de forma muito negativa a Iggy Azalea ou a apropriações da cultura negra em geral.

Sobre o conteúdo das revistas em si, creio que fica evidente nos textos analisados que o que está em jogo neles é uma disputa por espaços performáticos, pelo domínio do hip hop, por quem pode utilizá-lo e como, ou seja, um jogo de poder, remetendo à ideia de Foucault (2003, p. 252) de que “o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder”. Ou seja, ao criticarem Iggy Azalea, as revistas efetivamente lutam para que o rap ainda seja associado mais fortemente aos negros americanos. Quanto a isso, não posso afirmar até que ponto o rap ainda pode ser colocado como música negra ou não, mas é inegável que o rap se tornou um gênero de apelo global e independente de raça, e que é inevitável que apareçam rappers nas mais diferentes partes do mundo, inclusive rappers brancos. Contudo, essa luta para manter o rap “negro” ainda é importante, já que, se “é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos” (HALL, 2003, p. 327), esses jovens negros associados ao gênero, que são constantemente silenciados e oprimidos em sua sociedade, têm pleno direito de “terem” o rap como uma forma de se sentirem representados, por mais que essa representação tenha suas falhas, e que o espaço “reservado” ao gênero seja regulado e até segregado.

Para que isso continue ocorrendo e a assimilação do rap pela cultura *mainstream* não se torne uma completa descontextualização, é necessário que a apreciação da cultura negra realizada pelos brancos “se estenda para o campo político” (HOOKS, 1992, p. 37), sendo aliada a um reconhecimento do valor e do contexto de onde vem essa cultura, assim como dos grupos sociais associados a ela. Além disso, é preciso considerar “a realidade que [a] boa vontade [por parte dos brancos no contato com os negros] pode coexistir com pensamentos racistas e atitudes pautadas pela supremacia branca” (HOOKS, 1992, p. 16), o que também vale para o contato com a cultura negra

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.blackenterprise.com/news/ghosts-goblins-and-blackface-racist-and-culture-mocking-halloween-costumes-continue-to-spark-outrage/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.blackenterprise.com/small-business/cultural-cues-avoid-mishaps-paul-frank-native-americans/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

ou produtos culturais associados aos negros, e conscientizar artistas brancos que se apropriam dessa cultura para que eles possam contribuir com ela de alguma forma ao tentar abdicar de seus privilégios raciais e discutir as manifestações do racismo publicamente (como o rapper branco americano Macklemore, que lançou em 2005 e 2016 as canções “White Privilege” e “White Privilege II”, que falam das formas como o privilégio branco se manifesta e a posição contraditória na qual o rapper se coloca por querer criticar o privilégio branco e se beneficiar dele ao mesmo tempo). Apesar de não darem conta de resolver de vez o “problema”, creio que essas ações podem contribuir para a construção de uma discussão importantíssima sobre as formas como o racismo institucional se manifesta na música pop e como podemos combatê-lo, assim como o que artistas brancos podem fazer para perceber e desconstruir o privilégio branco.

### Referências bibliográficas

- BROWN, Kimberly. In *The Eye Of The Beholder: definitions of beauty in popular black magazines*. In: Brown, Tamara Lizette; Kopano, Baruti N. (Org.). **Soul Thieves: the appropriation and misrepresentation of african american popular culture**. 1st ed. New York: Palgrave McMillan, 2014. Cap. 6, p. 77-90.
- BROWN, Tamara Lizette; KOPANO, Baruti N. (Org.). **Soul Thieves: the appropriation and misrepresentation of african american popular culture**. 1st ed. New York: Palgrave McMillan, 2014.
- EBERHARDT, Maeve; FREEMAN, Kara. ‘**First Things First, I’m The Realist**’: linguistic appropriation, white privilege, and the hip-hop persona of Iggy Azalea. In: *Journal of Sociolinguistics*, pp. 303-327, Vol.19, Issue 3. 2015.
- FORMAN, Murray; NEAL, Mark Anthony (Org.). **That's The Joint: the hip-hop studies reader**. 2nd ed. New York: Routledge, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos E Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Arqueologia Do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, bell. **Black Looks: race and representation**. 1st ed. Boston: South End Press, 1992.
- LOTT, Eric. **Love & Theft: blackface minstrelsy & the american working class**. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências Em Análise Do Discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MCLEOD, Kembrew. “Authenticity Within Hip-Hop And Other Cultures Threatened With Assimilation”. 1999. In: Forman, Murray; Neal, Mark Anthony (Org.). **That's The Joint: the hip-hop studies reader**. 2nd ed. New York: Routledge, 2012. Cap. 13, p. 164-178.
- RODMAN, Gilbert. “Race And Other Four Letter Words: eminem and the cultural politics of authenticity”. 2006. In: Forman, Murray; Neal, Mark Anthony (Org.). **That's The Joint: the hip-hop studies reader**. 2nd ed. New York: Routledge, 2012. Cap. 14, p. 179-198.
- ROSE, Tricia. **Black Noise: rap music and black culture in contemporary america**. 1st ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1994.
- VOGEL, Todd (Org.). **The Black Press: new literary and historical essays**. 1st ed. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.
- YOUNG, James O.. **Cultural Appropriation And The Arts**. 1st ed. Hoboken: Blackwell Publishing Ltd, 2010.